

AS SOCIEDADES PORTUGUESAS DE BENEFICÊNCIA DO RIO GRANDE DO SUL -	
REPRESENTAÇÕES E ALTERIDADE	8
REPRESENTAÇÕES E ALTERIDADE	13
FONTES E ARQUIVOS:	19
BIBLIOGRAFIA:	20

AS SOCIEDADES PORTUGUESAS DE BENEFICÊNCIA DO RIO GRANDE DO SUL - REPRESENTAÇÕES E ALTERIDADE

LARISSA PATRÓN CHAVES*

Na história de Portugal, a virtude da caridade é praticada desde o estabelecimento de seu território, em 1139, na vitória da batalha de Ourique contra os mouros. Ela relata que desde as origens desse país, que assinalam a reconquista cristã da península Ibérica e a tentativa de sobreposição dos valores cristãos sobre os muçulmanos, é evidente a construção e reconstrução de muitas obras de caridade, como as misericórdias. Assim, as primeiras obras de filantropia emergem pela fundação do Hospital de Jerusalém, em Évora, construído pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Elas aproximam-se do ideal da igreja católica, que desde o século XI presencia o renascimento moral e espiritual em todos os seus aspectos cognitivos, imprimindo ao trabalho de caridade o significado perfeito da piedade divina. Sob a égide da fé sem limites pregam *os pobres de Christo fossem bem recebidos em caridade*¹.

Mas talvez a obra assistencial de maior destaque nesse país tenha sido a organizada por volta de 1498, na Sé de Lisboa, por iniciativa da rainha Dona Leonor (1458-1525), marcando o início de um demorado processo de renovação da história da caridade que, assentado na prática social e devocional das obras de misericórdia espirituais e corporais, multiplicaria um movimento de difusão de novas instituições com larga importância na ordem social urbana.²

As Misericórdias instalam-se cedo nos diferentes enclaves, fortalezas, capitânicas, e feitorias do império colonial português, estalando-se já nos finais do século XVI nas cidades brasileiras a Macau, sobrepujando mesmo os limites formais oficiais da movimentação colonial portuguesa para se instalarem em Manila, no Japão ou em Taiwan. Protegidas pelo poder régio que encontra nas Misericórdias um instrumento fundamental de devoção à soberania e de produção das elites coloniais locais, as novas irmandades tendem a monopolizar a cidade colonial, distribuída muito discriminadamente para as populações cristãs e para os escravos cristianizados.³

Fundadas por Dona Leonor, as Misericórdias surgem na Europa com função mais assistencial que terapêutica, ou seja, surgem para proporcionar abrigo, proteção e morada ao enfermo, em vez de meios para a cura da própria doença. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento inauguram um movimento

* Mestre em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / PUCRS, e doutoranda em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS.

1 Garcia, Abílio. História da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé. Bagé, Urcamp, 1985. P. 06

2 SOUSA, Ivo Carneiro de. A Rainha Dona Leonor (1458-1525): Poder, Misericórdia, Religiosidade e Espiritualidade no Portugal do Renascimento. Lisboa: Fundação Calouste Gumbunkian, 2000.

3 Sobre essas questões ver em SOUSA, Ivo Carneiro de. Introdução ao estudo da Misericórdia de Macau: caridade, poder colonial e devoção régia In "Compromisso da Misericórdia de Macau, 1627" (ed. De Leonor Diaz de Seabra). Macau: Universidade de Macau, 2003. pp 259-306.

confraternal completamente diverso que, original e moderno, se deve afastar de influências e comunicações estreitas com a história das confrarias medievais portuguesas⁴. Essas instituições assistenciais perpassam, ao longo de seu desenvolvimento, transformações na área da saúde, as quais mantêm como objetivo a perspectiva racionalizante, renascentista, inclusive das cidades portuguesas e sua modernização. Personalidades como o marquês de Pombal, e o doutor em medicina Antônio Ribeiro Sanches, ajudam a expor pontos significativos para o antigo sistema médico implantado nos hospitais: a necessidade de estabilizar, oxigenar, sanear e disciplinar cada vez mais o seu espaço interno.

A difusão de uma Misericórdia para países como o Brasil sofre modificações ao longo do tempo, face as particularidades locais, marcadas pela singularidade do clima e dos trópicos, ao mesmo tempo que é marca da extrema religiosidade e modernidade portuguesa.

Os primeiros hospitais criados no Brasil têm como objetivo prestar atendimento aos marinheiros e viajantes que chegam ao país. Por isso, localizam-se em regiões litorâneas, entre os quais o Hospital de Todos os Santos, inaugurado por Brás Cubas em 1543, sob a divisa: Casa de Deus para os homens – porta aberta ao mar.

Porém, as primeiras “Obras de Misericórdia” no Brasil, denominadas Santas Casas e Beneficências Portuguesas são criadas a partir do século XIX, e tentam manter a semelhança com as instituições congêneres em Portugal. Ao se organizar um hospital no Brasil dessa época, segundo informa o centro de Documentação e pesquisa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre⁵, este deveria obedecer a regras arregimentadas em um estatuto denominado Compromisso, que regulariza a instituição, sua composição, direitos e deveres. Esse Compromisso é a cópia do primitivo de Lisboa, de 1498, fazendo com que as instituições de Misericórdia brasileiras desempenhassem funções correspondentes às vigentes na Europa.

A Sociedade Portuguesa de Beneficência rege-se também por influência do Compromisso de Lisboa, mas mantém, inicialmente, atendimento preferencial a uma camada da população – lusos – diferindo seu funcionamento das Santas Casas. Dessa forma, representa um papel importante na assistência médica de uma época e, principalmente, relaciona-se diretamente com o contingente de imigrantes lusos em cada localidade que a recebe, pelo fato de que necessita, também, do apoio de sócios benfeitores e beneméritos.

Pesquisa realizada no Instituto Brasileiro de geografia e estatística revela que a quantidade de imigrantes lusos entrados no Brasil a partir de 1880 é intensa. No ano de 1910, entram no país um número total de 34.725 portugueses, sendo que 20 entram pelo porto de Belém; 23 pelo porto de Recife; 136 pelo porto de

4 Sobre essas questões ver em SOUSA, Ivo Carneiro de. Do descobrimento das Misericórdias a fundação da Misericórdia (1498-1525). Porto: Granito, 1999.

5 Durante o mestrado em História, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, realizou-se pesquisa nos arquivos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, chamado CPDOC. Sobre o Compromisso de Lisboa e a os estatutos das Santas Casas do Brasil ver em Edição Comemorativa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre; Porto Alegre: CPDOC, 2003

Salvador; 74 pelo porto de Vitória; 20.335 pelo porto do Rio de Janeiro; 9.246 pelo porto de Santos; 109 pelo porto de Paranaguá; 8 pelo porto de Florianópolis e 84 pelo porto de Porto Alegre.⁶ Embora o número que revela a entrada de imigrantes lusos no porto do Rio de Janeiro seja superior ao dos outros portos, pesquisa realizada no recenseamento municipal da cidade de Rio Grande, Província de São Pedro do Sul, mostra que existem 2.271 portugueses, para população que conta com 39.492 brasileiros, completando um número total de 44.835 habitantes. O número de lusos em Rio Grande⁷ mostra que a imigração lusa é preponderante na região, muito à frente das outras nacionalidades. Sendo assim, o contingente de lusos não se concentra somente na capital do Império, mas espalha-se por todo o Brasil, sobretudo pela propaganda positiva que se faz do país, como é o caso do extremo sul.

Esses portugueses vem buscar novas oportunidades de vida e servem para prover a carência de mão de obra no Brasil, como explica o geógrafo Elisée Reclus: *Até o período de transição da monarquia à República, Portugal conservou o papel preponderante na antiga colônia, não pela literatura, nem pela indústria ou pelo comércio, mas sim pelos trabalhadores imigrados*⁸.

Sendo assim, a primeira iniciativa bem sucedida da Sociedade Portuguesa de Beneficência é a construção de um hospital no Rio de Janeiro, em 1840, seguido por outro em Santos, em 1859.

A partir do ano de 1850, no Rio Grande do Sul, já existem tentativas de se criar uma Sociedade Portuguesa de Beneficência. Pela pesquisa realizada, percebe-se que os números referentes à entrada de imigrantes portugueses no Brasil, entre os anos de 1884 a 1893, são de aproximadamente 170.621⁹.

De acordo com Dante de Laytano, a imigração portuguesa para o Rio Grande do Sul foi razoavelmente significativa. Embora o índice de portugueses que se direciona as terras rio grandenses não seja mais expressivo que o que adentra no Brasil, entre os anos de 1886 a 1912, dezenas de lusitanos vieram, anualmente para esse território, com destaque para os anos de 1887, 1888, 1891, 1895, 1896, 1904, 1906, e entre 1908 e 1912, quando o número de imigrantes lusos atinge de uma a três dezenas de pessoas. A cidade de Rio Grande se torna um dos destinos preferenciais pela existência do porto, e me geral, esse indivíduos são vindos do Douro, do Minho, da madeira e dos Açores¹⁰.

É necessário ressaltar que Portugal, a partir do ano de 1890 percepçiona uma crise política e social, com a substituição da economia agrária pelo sistema capitalista, ocasionando um êxodo do campo para a cidade, que não tem condições de absorver toda a população rural. Isto acarreta para a emigração lusitana todo

6 Anuário estatístico Brasileiro. Ano I (1880-1910). Rio de Janeiro: Tipographya do Globo, 1910. Arquivo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

7 É importante ressaltar que a cidade de Rio grande é portuária. Ela não aparece registrada no Anuário Estatístico Brasileiro por não ser a capital da província.

8 RECLUS, Elisée. Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899. P. 22.

9 Brasil Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. Anuário Estatístico, ano V, 1930-1040.

10 Sobre essas questões ver em LAYTANO, Dante de. Os portugueses. In: Enciclopédia rio-grandense. Canoas: Ed. Regional, 1958. V. 5. P. 117.

sentido, visto que a intensificação dos processos de urbanização, a generalização da instabilidade social e o caráter cíclico das crises de estagnação econômica típicas do processo de desenvolvimento da indústria moderna confrontam a perspectiva do mercado livre. Esses fatores de repulsão fazem, também, do Brasil um país promissor, um lugar para onde os imigrantes lusos se dirigem, através das cartas de chamada¹¹, onde poderiam crescer economicamente e retornar para a terra natal, conforme comprova ditado popular:

...Deus te leve a Pernambuco
E venhas de lá tão rico
Que El Rei da Dinamarca
Não possa igualar contigo...¹²

Em 1854, é oficialmente criado o hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, e em seus estatutos prima por repetir o sucesso da instituição criada no Rio de Janeiro, com instalações amplas e modernizadas. No entanto, complementa, ainda em seus estatutos, *o interesse em criar aquilo que ainda não tinha sido feito na capital do Império, mas que poderia ser útil aos lusos residentes em Porto Alegre*¹³.

Outras instituições lusas dessa ordem são criadas posteriormente na região sul do país, entre elas: Pelotas, 1856, Rio Grande, 1859, Bagé, 1870 e Santana do Livramento, 1870.

É importante ressaltar que essas associações são criadas nas cidades mais populosas do Rio Grande do Sul durante a República Velha. Pelos estudos realizados, percebe-se que entre os anos de 1860 a 1870, a Província conta com 876.746 habitantes, estando em parte distribuídos entre Porto Alegre (44.000 habitantes); Pelotas (25.000); Rio Grande (4.000) e Bagé (8.500). Mais do que a populosa, essas cidades talvez se configurem como locais que oferecem melhores condições de vida, e dessa forma, como fatores de atração para o imigrante.

O panorama político e econômico das cidades da metade sul do Rio grande do Sul durante a República Velha, e antes mesmo dela, por exemplo, encontra-se dominado pelos grandes fazendeiros, os quais beneficiam a província porque atraem a atenção das autoridades ministeriais. Em Bagé, pelo vínculo desses fazendeiros com a elite política, na maior parte charqueadores, os benefícios ocorrem de forma mais rápida possível, principalmente pela grande representatividade do bageense Gaspar Silveira Martins,

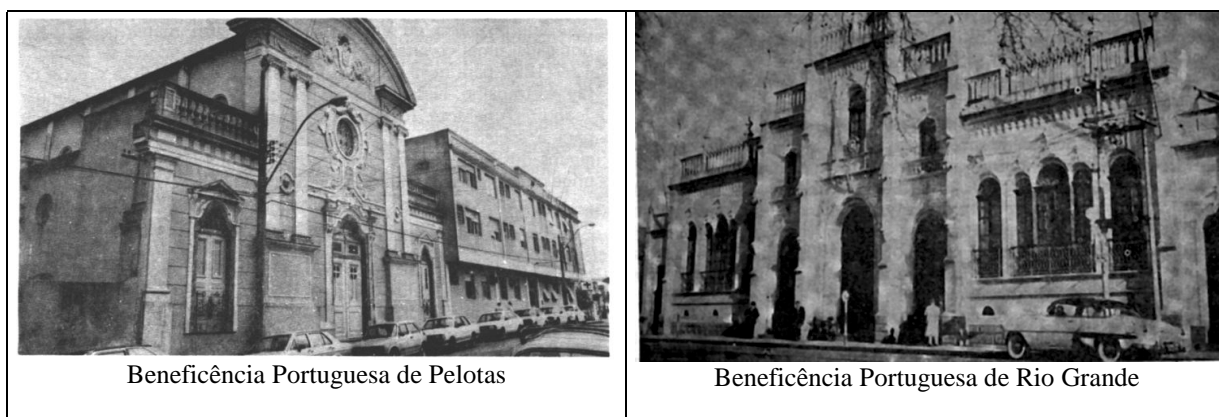
11 Muitas vezes, um dos fatores que impulsiona a imigração lusa para o Brasil é através das cartas de chamada. Elas são cartas escritas por imigrantes radicados no país à outros compatriotas em Portugal. Os portugueses imigrantes, já estando em estável situação financeira, chamam mais lusos para aqui fazerem fortuna. Quem escreve uma carta de chamada torna-se responsável pela vinda e estabelecimento de quem chama, sendo seu dever mandá-lo de volta caso a sua não adaptação.

12 Relatório do Vice rei Marquês do Lavradio In Serrão, Joel. A Emigração Portuguesa. Lisboa: Ed Livros Horizonte, 1997. pp. 108-109.

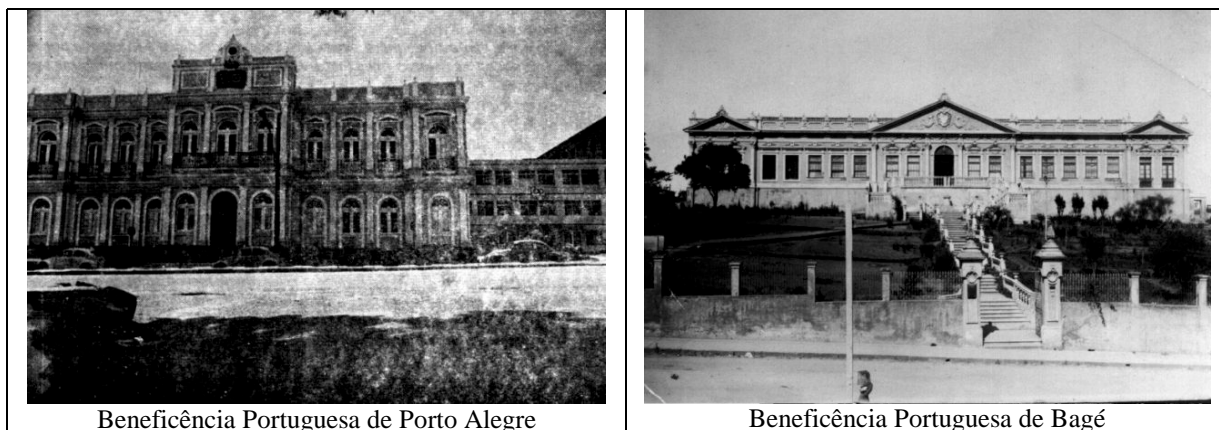
13 Livro de Atas número I – Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, 1854. Arquivo particular da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre.

senador e conselheiro do Império. Um dos casos mais emblemáticos da influência de Martins sobre a região da campanha é a construção da estrada de ferro que une Rio Grande a Bagé, em 1884, pela Southern Brazilian Rio Grande do Sul Company. Fazem parte de benefícios angariados a luz elétrica, em 1898, antes mesmo que as principais cidades do país, a primeira filial da Caixa Econômica Federal, em 1899, entre outros. Da mesma forma, a cidade de Pelotas também floresce em finais do século XIX como o primeiro núcleo urbano do Rio Grande do Sul. O trabalho realizado nas charqueadas, que entre os anos de 1860 a 80, concentra 80% da riqueza interna bruta da Província, é fundamental para o desenvolvimento deste município¹⁴.

A partir da década de 30 do século XX, as Sociedades Portuguesas de Beneficência enfraquecem pela diminuição do número de sócios, em virtude de crise econômica e política mundial. A mecanização do trabalho nas indústrias sulinas proporciona o fim do ciclo do charque e das grandes estâncias, e os fascismos começam a ser difundidos em âmbito mundial. Apesar da imigração oficial atingir, até a década de 1930, o seu volume máximo, a formação de associações estrangeiras, bem como movimentos operários, irão sofrer repressão. O fascismo não entra no Brasil através da imigração, mas doutrinado pelos consulados. A favor do integralismo no Brasil, os cônsules são representantes da ideologia fascista.



14 Aproximadamente na década de 1880 a cidade de pelotas comporta trinta e cinco estabelecimentos de produção de charque. O abate do animal concentra-se em seis meses ao ano, exportando além do charque manufaturado nas fazendas, o couro. O sistema das charqueadas fora possível pelo trabalho escravo em grande quantidade, e fora responsável, durante muitos anos, pelo desenvolvimento e sustentabilidade do Rio Grande do Sul. Sobre essas questões ver em PESAVENTO, Sandra Jatahy. Charqueadas, frigoríficos e criadores – um estudo sobre a República Velha Gaúcha. Porto Alegre: PUCRS – Pós-graduação em história, 1987; MINELLA, Ary Cesar. Estado e acumulação capitalista no Rio Grande do Sul: O orçamento Estadual na Primeira República. Porto Alegre: UFRGS – Pós-graduação em Antropologia, 1979. CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. São Paulo: Difel, 1967.



Beneficência Portuguesa de Porto Alegre

Beneficência Portuguesa de Bagé

REPRESENTAÇÕES E ALTERIDADE

As questões que remetem a representação e imaginário social projetado pelas instituições lusas em questão são permeadas pelo conceito de fronteira étnica. Para François Hartog, grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Logo, um traço fundamental é a característica da auto atribuição e da atribuição de significados, por outros, a um determinado grupo.

Registros sobre as Sociedades Portuguesas de Beneficência no Estado são encontrados na imprensa do século XIX, nos livros de atas das instituições, nos anais das intendências municipais, nos relatórios dos Intendentes de província, entre outros. A estrutura social e administrativa dessas associações mostra a intencionalidade de primar pela assistência ao imigrante e nos leva a levantar as seguintes investigações:

Como se auto definem as Sociedades Portuguesas de Beneficência através do próprio discurso? Como são definidas por outrem?

Os estatutos das Sociedades Portuguesas de Beneficência são emblemáticos quanto a caracterização das instituições. Eles revelam diversas formas de administração, tais como o critério de admissão de sócios, conforme ilustra os estatutos da Sociedade em Bagé:

“A Sociedade Portuguesa de Beneficência, estabelecida na cidade de Bagé, província do Rio Grande do Sul, República dos estados Unidos do Brasil, fundada em 6 de junho de 1871, é uma coletividade de cidadãos portugueses em número indeterminado...”¹⁵”

Mais fortemente enaltecido, o sócio luso encontra um lugar privilegiado nos estatutos da Sociedade em Pelotas, conforme a seguir:

15 Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé. Ano: 1871. Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.

“A Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada na cidade de pelotas, em 16 de setembro de 1857, é uma associação beneficente que se rege pelos presentes estatutos e pelas leis em vigor que lhe forem aplicáveis ...

... São sócios ativos todos os cidadãos portugueses como tais admitidos pela diretoria, que pagarem jóia de 30\$ e a primeira anuidade de 12\$... São sócios beneméritos e benfeitores pessoas de qualquer nacionalidade que concorram para o fundo da sociedade na quantia de 400\$000, e que tenham prestado serviços profissionais e científicos que tenham merecido juízo da Diretoria... são sócios honorários pessoas de qualquer nacionalidade, estrangeiros á Sociedade, mas que tenham prestado serviços relevantes em igualdade de condições aos consignados...¹⁶”

Este discurso proferido por ambas as instituições lusas, mostra a preocupação com o critério da nacionalidade, chegando, principalmente na cidade de Pelotas, a ser expresso nas mensalidades dos sócios, infinitamente maiores quando estes não são de origem portuguesa. Da mesma forma, percebe-se ainda nos mesmos estatutos, a importância que a imagem da Sociedade deveria ter na cidade que a acolhe, sobretudo através de seus sócios:

“... perde o título de sócio aquele que contrair vícios e hábitos notoriamente escandalosos e degradantes ...¹⁷”

No entanto, como captar as características que conferem a noção de alteridade expressa no discurso das Sociedades Portuguesas de Beneficência?

Conforme afirma Hartog, “*se a narrativa se desenvolve justamente entre um narrador e um destinatário implicitamente presente no próprio texto, a questão é então perceber como ela “traduz” o outro e como faz com que o destinatário creia no outro que ela constrói*¹⁸”. Nessa perspectiva, um ponto a perceber nesse discurso é o momento em que as Sociedades referem-se a si mesmas, como querem ser vistas, e o momento em que definem o estranho à Sociedade.

Pesquisa realizada nos livros de atas da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas mostra que a associação faz frequentemente referência aos habitantes da cidade. Estas pessoas não são de nacionalidade portuguesa, mas demonstram simpatia e compatibilidade para com a Sociedade mais do que os próprios imigrantes lusos residentes em Pelotas, conforme ilustra o texto a seguir:

(...) Infelizmente já o dissemos, existem compatriotas que não fazem parte dessa associação porque, dizem, não precisam dela, sem se lembrarem que este edifício é um

16 Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de pelotas. Ano: 1857. Arquivo Biblioteca Pública Pelotense.

17 Idem.

18 HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. pp. 232.

templo erguido com sacrifício para espargir caridade (...) Na administração que nos tem sido confiada experimentamos algumas vezes as amarguras da irreflexão de muitos dos nossos compatriotas, que ainda não reconhecem a utilidade da instituição. Quisemos aqui registrar e afirmar a gratidão a todos os pelotenses que convergem para elevar e engrandecer este grande templo para amparo dos infelizes desvalidos¹⁹.

No entanto, nem sempre as relações entre imigrantes portugueses e brasileiros são cordiais. Essas relações por vezes, são marcadas pelo preconceito, evidenciando um lugar para a alteridade no discurso de ambas as partes, como mostra os anais da Intendência municipal de porto Alegre:

Sessão em 19 de abril de 1875

“Requeiro que S. Ex. o Sr. Presidente da província informe a essa assembléia o que consta oficialmente sobre a prisão e espancamento do súdito portuguez Florentino Maurício, na noite do dia 5 corrente, na cidade de Bagé, por soldados da polícia pelo respectivo comandante, e quais as providências tomadas para reprimir esse excesso.²⁰”

A visão da “barbárie” é marcada muito fortemente na cidade de Bagé durante a Revolução Federalista, onde a cidade é sitiada por forças rebeldes formando o chamado “cerco de Bagé”. Durante o ano de 1893, o prédio que abriga a Sociedade Portuguesa de Beneficência nessa cidade é ocupado pelo exército republicano. Esta ocupação é prejudicial para o funcionamento da associação, visto que partido republicano, após a Revolução, sugere que o Quartel General lá funcione por tempo indeterminado. Em virtude de diversas ocupações, que sempre deixam o edifício com maiores danificações, os sócios da associação em Bagé dirigem-se, por intermédio do seu presidente, ao Ministro da Corte de Portugal junto ao governo brasileiro, chegando por inúmeras vezes, a pedir a intervenção no conflito, para que não houvesse mais furtos e prejuízos:

... pedindo seu consentimento para que antes de qualquer ataque, possam retirar da cidade as famílias de seus súditos, e dos imigrantes que os acompanham²¹.

Este discurso proferido mostra uma tentativa de separação dos imigrantes portugueses do conflito gerado por questões políticas sérias ao Rio Grande do Sul no século XIX. Se observa que os sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência, chamados de súditos, recebem nessa mensagem o mesmo tratamento dos não

19 Relatório da Sociedade Portuguesa de Beneficência em pelotas apresentado por Vice Presidente Eduardo da Silva Carvalho. Correio mercantil, 1885.

20 Anais da Intendência de Porto Alegre. Ano: 1875. pp. 90. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

21 SALIS, Eurico. História de Bagé. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1956. pp. 279.

sócios lusos, imigrantes portugueses em geral, também merecedores da liberdade do epicentro do conflito. O outro nesse caso não é o português, europeu, mas aquele que se envolve em uma revolução que não faz sentido para a identidade portuguesa, conforme ilustra a ata de 1995 escrita pelo presidente Sr. Domingos do Rozário:

...”Surpreendendo-me em 10 de janeiro de 1894 um aviso que nos deixaram os vizinhos, que a força da colina (federalistas) do Comando do Sr. Coronel Sampaio, tinha invadido o edifício, introduzindo ali como 2.000 reses mais ou menos. Fomos imediatamente verificar e vimos que a notícia era exata, mas não havia o gado assim dito. Como também encontramos as portas da frente e do exterior arrombadas, algumas com as almofadas e travessas arrombadas, supomos que havia batalha de armas ou coisa semelhante... Tomamos novamente com o Sr Francisco Lopes Machado a fechar e pregar as portas, e no dia 25 de março sendo de novo o edifício invadido, e estando a ser incorporado pelas forças do governo até a presente data; o Sr. Presidente muito fez ver que era de urgência realizar uma Assembléia Geral...”²²,

Em Porto Alegre, a comunidade lusa radicada no município, em 1854, muito contribui para a idealização da imagem que caracterizará a Sociedade Portuguesa de Beneficência dessa cidade. Em ocasião do falecimento de S. M. Dona Maria II em Portugal, os lusos realizaram manifestações exteriores, a exemplo de suntuosas exéquias em homenagem á rainha. Impressionados com fato estranho ocorrido durante o sepultamento em Lisboa – uma pomba branca pousa sobre o coche da coroa e dele somente levanta vôo quando se retira o cortejo fúnebre, já sepultada a rainha – os lusos não só manifestam a sua dor, como acreditam ver, nesse cortejo, sinais divinos. Em Porto Alegre, as solenidades – ato público e cerimônia religiosa – a qual reúne, corporações civis, militares e o presidente da província Dr. João Luís Vieira Cansação de Simbiú são significativas pelas suas presenças, conforme ilustra o texto:

“Nunca se assistira a tão importantes exéquias! Porto Alegre e a colônia portuguesa podiam orgulhar-se de tão brilhante cerimônia que talvez somente em Portugal tivesse tido superiores e iguais”²³.

Uma simbologia muito grande se impõe quando analisado o discurso proferido pelas Sociedades Portuguesas de Beneficência e o discurso sobre elas. Suas representações aparecem de forma polifônica, diferentes visões de mundo e experiências múltiplas que adquirem os sócios imigrantes em Porto Alegre, Pelotas e Bagé. Em diferentes circunstâncias, confrontos políticos, tais como a Revolução Federalista em 1893, fazem-nas adotar diferentes posturas respeitantes ao que pensam e como pensam em diferentes

22 Livros de Atas. Ano: 1895. Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.

23 SPALDING, Walter. A Sociedade portuguesa de Beneficência de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora do Globo, 1954. pp. 22.

localidades do Rio Grande do Sul. Dessa forma, o discurso dos sócios da associação em Bagé deixa transparecer uma visão negativa do habitante da fronteira, contrastando com o discurso proferido pelos sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência na cidade de Pelotas, fazendo tal instituição parecer a verdadeira “porta aberta ao mar”. Estes discursos dizem mais por si mesmos, do que simplesmente informam acontecimentos, pois nos permitem avaliar “do mundo que se conta ao mundo em que se conta²⁴”.

Se compreendermos as Sociedades Portuguesas de Beneficência analisadas como instituições distintas, que revelam peculiaridades quando ao seu papel social, como percebê-las como parte de um conjunto chamado Misericórdias? É possível entendê-las como uma formação social?

Para Norbert Elias, uma sociedade entendida como uma formação social significa *que as relações entre sujeitos sociais são definidas de maneira específica e engendram, mesmo criam, comportamentos e códigos através de dependências recíprocas*. (p. 8, Elias).

Uma Sociedade Portuguesa de Beneficência estaria compreendida como uma formação social no momento em que se evidencia como uma instituição capaz de amparar sócios imigrantes carentes e desprotegidos pelo estado. Portanto, uma associação hospitalar imigrante comporta-se como uma congregação necessária e fundamental, em uma época que não existem planos de saúde e a situação da Santa Casa de Misericórdia é extremamente precária, conforme afirma texto redigido pela comissão da Intendência Municipal de Porto Alegre em 1854:

... “A impressão que teve a comarca ao descer ao escuro e humilde subterrâneo chamado enfermaria de pessoas civis não foi menor do que o aspecto da cadeia dos mesmos, agravado pela falta quase que absoluta de socorros... porque se tem um médico falta-lhe um enfermeiro²⁵...”

Assim como a Sociedade Italiana e a Sociedade Espanhola, analisar a Sociedade Portuguesa de Beneficência no Rio Grande do Sul do século XIX, significa reconhecer onde aparecem o desenvolvimento de suas figurações, suas relações de interdependência, e equilíbrio de tensões.

A criação de Sociedades Portuguesas de Beneficência nas cidades brasileiras é sempre acompanhada pela edificação de prédios representativos, extremamente luxuosos e com boas condições de instalação dos enfermos. Em todos os casos, algumas características administrativas se repetem, entre as quais: a existência de um patrono, correspondente a nobreza em Portugal, um padroeiro, reforçando o caráter de

24 HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. pp. 232.

25 Relatório da comissão que visitou os estabelecimentos públicos de caridade. Correspondência da Câmara Municipal de porto Alegre. Ano: 1854. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

forte religiosidade católica, e festividades típicas. No Rio Grande do Sul, estas instituições não se encontram envolvidas com o estado, pois não recebem benefícios concedidos pelas casas lotéricas, tais como as Santas Casas de Misericórdia. Como e por que, como instituições hospitalares, ostentam opulência nas fachadas de suas sedes e festividades típicas?

Conforme vimos, as instituições analisadas dependem de seus próprios bens para o funcionamento, angariando fundos através das mensalidades de seus sócios e de doações diversas realizadas por outrem. As relações sociais das Sociedades Portuguesas de Beneficência estudadas se comportam ao nível das próprias representações, das intervenções em momentos de conflito, como no caso de Bagé. No entanto, sempre deixam claro que o objetivo maior das instituições, é o de manter as raízes e origens do “mundo” de onde emergem, mesmo que este não se apresente mais, pois conforme afirma Chartier:

“As redes de dependências mútuas permitem entender as relações sociais tal como aquelas que se desenvolvem num tabuleiro de xadrez, com comportamentos individuais ganhando sentido próprio não pelas ações voluntárias que apresentam, mas pelos resultados que promovem ao conjunto das relações, que se apresentam, portanto, interdependentes²⁶.”

Nesse caso, as Sociedades Portuguesas de Beneficência aparecem como formação social através da própria política social que equilibra-se com as atuações do estado em relação aos imigrantes lusos:

... “Ao nosso hospital mandamos recolher dois compatriotas que privados do uso da razão, percorriam as ruas da cidade servindo de escárnio á vagabundagem; não eram nossos consórcios, mas para infelizes como estes não há lei a observar..Seguiram para Portugal por conselho de nosso médico e a expensas da Sociedade cinco sócios cujas moléstias assim o reclamaram...”²⁷

O sentido de congregação fica claro no discurso da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas, pois se o estado não atende a nós *imigrantes*, nós nos amparamos, pois para nós *não há lei a observar*.

Enfim, as características específicas da arquitetura de seus edifícios sede instigam a discussão sobre imaginário e poder. Para Bronislaw Basco, é no imaginário social que se encontra o problema da legitimação do poder, pois:

“Qualquer instituição social, designadamente as instituições políticas, participa assim de um universo simbólico que a envolve e constitui o seu quadro de funcionamento. A

26 Chartier...

27 Relatório anual da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas apresentado pelo presidente Joaquim da Costa Leite. Ano: 1886. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

legitimidade de um poder é um bem particularmente raro e asperamente disputado. Estes conflitos só são imaginários no sentido que têm por objeto o imaginário social, ou seja, as relações de força do imaginário coletivo²⁸”.

Na maioria dos casos estudados, verifica-se o uso da arquitetura dos edifícios representativos das Sociedades Portuguesas de Beneficência como formas de poder. O edifício da Sociedade Portuguesa de Beneficência em Rio Grande ostenta luxuosidade dentro do estilo manuelino, por excelência, marca de Portugal no mundo. O edifício da associação em Bagé ostenta em sua fachada símbolos da bandeira portuguesa, diferentemente da Santa Casa de Misericórdia, que ostenta alegorias da cura, da vida e da morte. Tais fatores comprovam um distanciamento entre as instituições, fazendo com que a associação lusa seja identificada pelos habitantes da cidade de Bagé, como sendo um lugar que ilustra a presença portuguesa no Brasil.

Sustentando a dimensão espiritual, as Misericórdias em Portugal portam-se como memória lusa no mundo. Como bem sublinha Charles Boxer na obra referencial que ainda é “O Império Marítimo Português”, as Misericórdias apresentam-se nos espaços portugueses como os dois alicerces centrais da edificação da cidade cristã de que a monopolização da caridade constitui polarização fundamental de uma ordem social inspirada na doutrina, na ética e na práxis das obras de piedade.

As Sociedades Portuguesas de Beneficência do Rio Grande de São Pedro, como instituições de Misericórdia, ultrapassam o sentido inicial de suas propostas, materializadas no amparo aos doentes lusos de *corpo e alma*. Assim sendo, dialogam, e por vezes interferem, com o poder político, através da imposição e adaptação de seus valores, crenças, costumes e desejos.

FONTES E ARQUIVOS:

Livros de atas: Ata da 11ª Sessão do Conselho Deliberativo na Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas em 1898. Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas.

Livro de Atas número I – Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, 1854. Arquivo particular da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre.

Edição Comemorativa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre; Porto Alegre: CPDOC, 2003

Relatório da comissão que visitou os estabelecimentos públicos de caridade. Correspondência da Câmara Municipal de Porto Alegre. Ano: 1854. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

28 BAZCO, B. A imaginação social. IN: Romano, Ruggirto. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa nacional, 1985.

Livros de Atas. Ano: 1895. Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.

Relatório da Sociedade Portuguesa de Beneficência em Pelotas apresentado por Vice Presidente Eduardo da Silva Carvalho. Correio mercantil, 1885. Arquivo Biblioteca Pública municipal, Pelotas.

Anais da Intendência de Porto Alegre. Ano: 1875. pp. 90. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas. Ano: 1857. Arquivo Biblioteca Pública Municipal. Pelotas.

Estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé. Ano: 1871. Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé.

Anuário Estatístico Brasileiro – Ano I – Arquivo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Porto Alegre

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Francisco das Neves. *A colônia portuguesa na cidade do Rio Grande: fragmentos de uma identidade*. Revista Estudos Ibero Americanos. Porto Alegre: PUCRS, n. 1, p. 1- 266, 2000.

BAZCO, Bronislaw. “*A imaginação social*”. Enciclopédia Enaudi. (ed. Portuguesa), Imprensa Nacional / Casa da Moeda.

CHAVES, Larissa Patron. “*Grandiosos mesmo foram os portugueses*” – *A Sociedade de Beneficência de Bagé. (1878-2002)*. Dissertação apresentada ao curso de pós graduação em história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade da corte – Investigação sobre a Sociologia da realeza e da aristocracia de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FAGUNDES, Elizabeth. *Bagé no caminho da história do Rio Grande do Sul* . Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

KLEIN, Cleci Favaro. *De “Bairro lusitano” a “Zona Tronca”*. *A presença de portugueses em Caxias do Sul (1911-1931)*. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós graduação em história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

- KLEIN, Herbert. *Migração Internacional na história das Américas*. In: Fausto, Bóris. *Fazer a América*. São Paulo: USP, 2000. P. 13-31.
- LAYTANO, Dante de. *História da República Rio Grandense*. Porto Alegre: Comissão estadual dos folclores do RS, 1955.
- MINELLA, Ary Cesar. *Estado e Acumulação Capitalista no Rio Grande do Sul: O Orçamento Estadual na Primeira República*. Dissertação apresentada ao curso de pós graduação em Ciência Política e Antropologia. Porto Alegre: UFRGS, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Charqueadas, Frigoríficos e Criadores – um estudo sobre a República velha Gaúcha*. Dissertação apresentada ao curso de pós graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: PUCRS, 1978.
- POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.
- RECLUS, Elisée. *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.
- SOARES, Antônio. *Portugueses no RS*. Porto Alegre: Caravela, 1988.
- SOUZA, Ivo Carneiro. *Da descoberta da Misericórdia à fundação das Misericórdias: 1498-1525*. Porto: Granito, 1999.
- SOUSA, Ivo Carneiro de. *A Rainha Dona Leonor (1458-1525): Poder, Misericórdia, Religiosidade e Espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gumbunkian, 2000
- SOUSA, Ivo Carneiro de. *Introdução ao estudo da Misericórdia de Macau: caridade, poder colonial e devoção régia* In “Compromisso da Misericórdia de Macau, 1627” (ed. De Leonor Diaz de Seabra). Macau: Universidade de Macau, 2003. pp 259-306.
- SOUSA, Ivo Carneiro de. *Do descobrimento das Misericórdias a fundação da Misericórdia (1498-1525)*. Porto: Granito, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. Da Unb, 1990.
- SPALDING, Walter. *A Beneficência Portuguesa de Porto Alegre*. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1954.